

Efeitos Estilísticos da Gradação nas Crônicas do livro "Cão da Madrugada" - Eneida

Lucilinda Teixeira²

Cão da Madrugada não é propriamente uma crônica do livro do mesmo nome. É uma espécie de prefácio ou apresentação da obra. É um relato lírico, cheio de animismo e metáfora, onde são relatadas lembranças de uma noite quando um cão ladrava e "vigia".

A crônica registra fatos e lembranças de uma noite em que a autora estava entretida com a leitura de um livro, e um cão que latia a fez pensar nos signos que existem no ato simples de cão vadio ladrar durante a madrugada. O mesmo ladrar do cão que evoca à autora recordações de outros tempos e de momentos difíceis: "*Na noite em que meu pai morreu ele latia: latia muito. latia e gemia quando minha mãe morreu*". (CM:8).

A crônica registra também uma crítica velada a certos acontecimentos e a certas pessoas;

"Late porque não está de acordo com certos ruídos, nem com o pisar de certos pés". (CM:7).

e se coloca ao lado dos menos favorecidos;

"Late porque quer que descansem naquele momento, os que trabalham demais..." (CM:7).

O cão da madrugada, que "ladra porque gosta da noite e ela está dizendo adeus," é o símbolo da segurança, é "um vigilante, sentinela", que "vela, vigia, zela". Essa construção, uma gradação ascendente de três verbos de movimento, induz o leitor a conceber a figura do cão da madrugada como a de alguém que dispensa cuidados especiais a outra pessoa. Neste caso, o cão não realiza a simples função de velar, que significa, entre outras coisas, interessar-se, tomar conta de, mas ultrapassa a condição de vigia e atinge o ponto de zelar, ou seja, tomar conta de alguém com o maior cuidado e se interessar diligentemente a ponto de ter ciúmes. Deste modo, a gradação atinge o climax na referência direta ao ato de zelar.

Nesse espírito, Eneida continua mostrando que

o cão da madrugada é o vigilante que se preocupa com os "batalhões de desgraçados que cortam o mundo em várias direções", e com as crianças "que precisam, naquela hora, esconder seus pequeninos mundos nas pupilas".

FALANDO DA AMIGA MORTA

Falando da Amiga Morta é o título da 2ª crônica do livro Cão da Madrugada. Nela, Eneida presta uma homenagem à amiga que acredita-se ser uma pessoa humana, contudo, mais ou menos no meio da história, a autora declara que a amiga é sua máquina de escrever, a única testemunha e sobrevivente de uma família que foi se acabando.

A máquina, que durante toda a história é tratada como amiga e cúmplice da autora, é o símbolo da amizade fiel e sincera que talvez tenha faltado à Eneida. No final, a máquina, já sem funcionar é guardada como lembrança dos dias tristes ou felizes em que um objeto inanimado serviu de companheira à escritora paraense. Toda a crônica está repassada por uma cadeia de imagens e gradações, como por exemplo:

"Naquele tempo havia um plural em minha vida. Depois eu e tu andamos, rodamos, vivemos, hoje somos nós apenas - tu e eu, no singular - e além de nós o mundo". (CM:11).

Neste trecho, onde a solidão é bem evidenciada, a autora usou uma gradação ascendente de verbos, estabelecendo uma evolução no sentido do verbo andar, fazendo-o crescer estilisticamente, pois rodar e viver parecem ser prolongamentos de andar. Assim, é estabelecido um processo de acumulação progressiva, dando a impressão ao leitor de terem vivido intensamente, idéia que é reforçada pela utilização de verbos de movimento.

Outra gradação que Eneida utiliza nesta crônica aparece quando a autora se despede da máquina.

"*Olho teu corpo, teus membros gastos e te digo adeus. Repousa, querida, repousa, dorme, morre*". (CM:12).

Aquí, momento maior de personificação do objeto, os verbos de quietação, dispostos do aparentemente mais suave - repousar - ao mais intenso - morrer - fazem com que mais uma vez a idéia se faça exprimir num ritmo ascendente, culminando na morte, que representa o descanso - ou no caso - o repouso definitivo. Assim, a idéia de que a máquina de escrever já não funciona mais, e de que a exemplo de um ser humano fez companhia à Eneida, ganha mais força expressiva e acentua os propósitos da autora.

OUÇAM O RUÍDO DOS JACUMÃS

A terceira crônica de *Cão da Madrugada*, é *Ouçam o Ruído dos Jacumãs*, onde Eneida conta líricamente histórias da vida, amores e tragédias no Amazonas. A história principal com um lampejo de *saudades de um amor ardente*, trazendo a autora de *Sujinho de Terra* a lembrança de seu *primeiro namorado*: o rio Amazonas.

A crônica fala da surpresa de Eneida ao ler nos jornais telegramas que davam conta de enchentes no rio e da desgraça do caboclo *que sai e quando volta não encontra a palhoça que as águas engoliram*. Lançando mão de um conjunto de metáforas, regionalismos e animismo, a autora vai narrando fatos e realizando associações subjetivas entre sua vida e o rio, até que no primeiro parágrafo da segunda página escreve:

"*Agora, como das outras vezes, o caboclo sabe que deve procurar até outro dia, outra vez em que volte a sua fúria e arrase, leve, carregue, arraste, avance*". (CM:15).

Referindo-se a fúria do rio na época das grandes cheias, Eneida utiliza uma seqüência de cinco verbos de movimento e que transmitem, em ritmo crescente, a idéia do maior rio do mundo em volume d'água que *arrasa tudo que está a sua frente, leva, carrega, arrastando e, principalmente, avança vitorioso em direção ao mar com o produto de sua fúria*.

O efeito dessa construção no texto serve para evidenciar o caráter da força fluvial que a autora parece

querer imprimir à narrativa. É como se a força começasse com pouca intensidade e chegasse ao clímax vitoriosa.

A partir dessa gradação, a narrativa prosseguiu vazada sempre em linguagem regionalista, impregnada de puro lirismo, cantando as lendas da criação do rio e do Marajó, do infortúnio de famílias com um pedido de ajuda ao caboclo da Amazônia, pelo "*amor com que amamos aquele rio...*"

ROTEIRO SENTIMENTAL DE ÁGUAS

Uma crônica regionalista onde a escritora paraense relata o seu grande amor pelos rios e afirma: "*Sei que suas definições geográficas não me interessam porque eles para mim não são rios ou que rios: São águas*".

Lembra de sua babá, contando-lhe histórias maravilhosas e levando-a a um mundo misterioso.

Sua primeira paixão foi pelo Amazonas e dizia: "*Nossos peitos pequeninos se enchem de orgulho: o maior rio do mundo era nosso rio. Era uma vez um rio chamado Amazonas, e com ele começa a minha vida*".

Eneida sempre amor muito sua terra e sua gente e através do seu pai conheceu a natureza, as lendas como: Iara, O Curupira e o Canto do Uirapuru e etc.

Seu primeiro amor foi o rio Amazonas, depois conheceu o Capibaribe "*num por do sol manso e doce*". Sua terceira paixão foi o Sena, "*aquele que amo com temura especial dos velhos amores. Rio dos namorados e dos pintores, dos mendigos e dos desesperados, dos sem teto e dos sonhadores*". Finalmente o Atlântico, "*águas de minha paisagem agora*".

Agora pensa em "*Copacabana insultada, ferida, acusada*". (CM:23). temos aí uma gradação ascendente de adjetivos a fim de caracterizar Copacabana, pois insultada, quer dizer insultada e ultrajada e vai crescendo estilisticamente para ferida no sentido de magoada, ofendida, injuriada, chegando ao clímax que é acusada revelada a fim de que as pessoas tenham uma visão real, não de maravilha e sim de sofrimento.

E a autora termina dizendo: *"Esse é o meu roteiro de águas: Amazonas o lendário, Capibaribe o digníssimo, Sena o romântico, Atlântico o paisagista."*

Entretanto, o seu amor pelo "o lendário", era muito mais forte, pois é o rio que *"embalou meu sonho de menina, meu primeiro namorado, meu xodô em águas: O AMAZONAS"*.

EM DEFESA DE UM NOME

Um nome de mulher inspirou Eneida a escrever *Em defesa de um nome* e a publicá-la em *Cão da Madrugada*. A história é muito simples e toda ela é marcada pela recordação de nomes que, para a autora, individualizam seus donos:

"Como poderei compreender que haja uma Marcolina diferente daquela grande negra gorda..."

Depois de lembrar do nome de pessoas que marcaram sua vida e, particularmente de sua infância, explica que disse tudo isso porque estava pensando em Marina.

"É um nome que veio andando comigo pela vida..."

A Marina de que fala Eneida era sua amiga de infância, *"moça lírica e romântica, explicando que seu nome vinha do mar"*. Mas, *"tudo ia assim até que veio outra Marina boiando num crime, tão vítima de tudo, tão infeliz em tudo"*. Eneida referia-se à Marina, a moça que aos dezoito anos em 1952 fora assassinada no Rio de Janeiro. Entre reflexões e críticas à sociedade que criou Marina e acabou por engoli-la, Eneida escreveu: Marina traiu, Marina mentiu, Marina afirmou, Marina negou.

Essa gradação serve para mostrar até que ponto pode descer uma pessoa, mas não explica os motivos que a levaram a trair, depois a mentir, a afirmar e, finalmente, negar. Os verbos possuem forte significado, e a seqüência iniciada com o verbo trair, que significa, enganar, trapacear, é reforçada por mentir, ou faltar com a verdade - que parece ser mais grave que enganar simplesmente - afirmar, no caso, confirmar a mentira, e é concluída por negar, que apesar de parecer uma antítese a afirmar, confirmar e concluir a escala de mentira e enganação.

A crônica continua e Eneida diz que não mais poderá chamar sua amiga Marina pelo nome: *"Chamar-lhe-ei meu bem, velha amiga, vovó, mas não terei coragem de usar, para com ela, esse nome Marina"*. E conclui o pensamento: *"A dona agora é outra jovem, tão infeliz, tão esmagada..."*

Assim Eneida via a Marina do Sacopã - infeliz, esmagada. A gradação, que é reforçada pela utilização do advérbio de intensidade, mostra um ritmo ascendente, que confirma a triste situação da moça assassinada.

No final da crônica, a autora lamenta que a Marina tivesse fugido de todas as belezas que seu nome sugeria. *"Lamento muito, Marina. Hoje estou defendendo um nome, apenas. Um nome que marcou minha infância e tomou parte de minha adolescência. Lamento muito, Marina"*.

ESTA NÃO SERÁ EXTRAVIADA

Eneida escreve uma crônica em forma de carta para dar notícias a seus amigos e diz:

"Ora, escrever cartas é ato de minha especial predileção e como ando em falta com uma porção de gente, resolvo agora escrever a todos vocês, amigos ausentes, os que correm o mundo ou vivem em outros países e me mandam pequenos mas carinhosos desaforos...". Sendo uma criatura *"simplíssima"* e com uma carga grande de afetividade, sofre quando recebe notícias *"que me falam de miséria, da tristeza, da morte lenta e dolorosa de minha cidade, outrora tão formosa e tão rica"*. (CM:91).

Neste trecho, onde a infelicidade de seus conterrâneos está em destaque, a autora usou uma gradação ascendente de adjetivos que estão imbricados desde miséria com o sentido de desgraça se relacionando com tristeza, que está ligada a infeliz, chegando a ser continuidade de morte que é o fim, porém, esta vem bem lenta e produz dor num processo angustiante que se verifica no contexto das pessoas desgraçadas, que vivem numa pobreza extrema. Tudo isso está em evidência através de recursos estilísticos tão bem caracterizados pelos adjetivos.

A autora continua falando do cotidiano, da cidade onde mora, das dificuldades econômicas e sociais que estão ocorrendo.

No parágrafo: "*Como vêm vocês, amigos que me mandam cartas e exigem notícia, as coisas contadas assim sem brilho e quase sem forma, não são boas nem más. São a vida mesmo e nos outros, moradores desta cidade tão formosa e amada, o que queremos mesmo é viver e não acabar estraçalhados, pisados, liquidados pelos automóveis de vários feitios e preços que encham nossas ruas*". (CM:94). O progresso vai aniquilando e não é somente um aniquilar.

Eneida mostra isto através da utilização da gradação ascendente usando os adjetivos estraçalhados, isto é retalhados, espedaçados até fazer-se em pedaços numa escala cada vez maior como pisados, para mostrar como as pessoas são esmagadas, desprezadas, chegando até a serem liquidadas, destruídas, aniquiladas. Esta gradação bem evidencia a política e o progresso que chegam a destruir vidas humanas, sem respeitarem os homens. Toda a estilística está muito bem empregada com verbos de ação a fim de dar um movimento e penetrar na alma do leitor com toda força afetiva.

CONCLUSÃO

A procura e a análise do recurso da gradação na obra de Eneida serviram para revelar um ponto que em muito contribui para a manifestação do fenômeno da lírica em sua obra.

A utilização de cadeias crescentes e decrescentes de verbos, adjetivos e substantivos nos textos analisados evidenciam a segurança da autora no tratar com a língua e um domínio de falar paraense.

A autora de *Sujinho de Terra* soube explorar o recurso da gradação de modo que seu uso passou a ser uma das características mais marcantes de sua produção literária.

Agora, espera-se que esta pesquisa sirva de ponto de partida a outra e que tenha atingido seus objetivos.

BIBLIOGRAFIA

ÁLVARES, Bernardo - *Língua e Literatura Luso-Brasileira*. Belo Horizonte, 1967,

BRAGA, Rubem - *A Borboleta Amarela*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1980.

CAMPOS, Ápio - *O Verbo e o Texto*. Belém. Falângola, 1979.

CASTAGNINO, Raúl H. - *Análise Literária*. São Paulo, Mestre Jou, 1968.

FORMALISTAS RUSSOS - *Teoria da Literatura*. Porto Alegre, Globo, 1976.

GUIRANUD, Pierre - *A Estilística*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

MOISÉS, Massaud - *A Criação Literária*. 9ª edição. São Paulo, Melhoramentos, 1979.

MORAES, Eneida - *Aruanda*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1957.

_____. *Cão da Madrugada*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1955.

SUBERVILIE, Jean - *Théorie de L'art et des Genres Littéraires*. Paris. Editions de L'Ecole, 1961.

TAVARES, Hênio - *Teoria Literária*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

1. Extraído do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras - 1982 UFPA.

2. Lucilinda Teixeira - professora do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA, Doutoranda em Comunicação e Semiótica PUC-SP.